

# DIFICULDADES DE COMPREENSÃO LEITORA: UM ESTUDO DE CASO

MARTIELE JUNG (UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL).

## Resumo

O objetivo deste relato é apresentar os resultados de uma investigação sobre o processo de compreensão/interpretação leitora tal como acompanhado por um estudo de caso – com um único participante – considerando os aspectos cognitivos, quer de natureza individual quer social, e a forma como esses aspectos vinham sendo trabalhados na escola que o participante frequentava. A metodologia de estudo envolveu o preenchimento de um questionário que buscou resgatar as experiências de leitura anteriores do sujeito e o seu conhecimento prévio sobre a temática do texto que viria a ser focalizado no teste de leitura. Em seguida, foi proposto o teste de leitura, propriamente, envolvendo respostas dissertativas e a solicitação de síntese escrita do texto lido. A atividade em que o aluno teria de relatar, de modo resumido, as idéias constantes no texto evidenciou dificuldade de manejo da escrita. Oralmente, o sujeito expressou compreensão. Além disso, comprovou-se a tendência de o professor constatar o problema existente, porém não se observou busca de solução para a dificuldade detectada. A pergunta que se impõe refere-se ao modo como vem sendo avaliada a compreensão e à própria relação entre leitura e escrita. O resumo escrito, na nossa ótica, deve ser antecedido por práticas orais de condensação das idéias que permitam que o aluno vá aos poucos organizando o seu dizer, aproximando-o formalmente da linguagem exigida na escrita de textos escolares, sob pena de não sair-se bem na atividade.

## Palavras-chave:

COMPREENSÃO, LEITURA, ENSINO DE LEITURA.

## INTRODUÇÃO

Todos nós, seres humanos, temos capacidade de nos comunicar usando a fala, diretamente, olho no olho do nosso interlocutor, e essa comunicação se dá por meio de um sistema, que é o sistema de sons linguísticos. Tal sistema é constituído de signos, sendo o mais conhecido e fundamental deles aquele chamado de língua ou idioma. Ao longo da história da humanidade, porém, muitas culturas deixaram de se comunicar de forma exclusiva através da modalidade linguística oral, ampliando suas possibilidades de comunicação através de sinais gráficos. Ou seja, através da escrita.

A escrita nos possibilitou fixar o que era repetido oralmente de cor, permitindo-nos modificar nossas idéias e teorias, repensando-as à luz de outras experiências, adaptando-as a um objeto possível de ser analisado, quando confrontadas idéias transmitidas através do material escrito com as idéias pensadas no momento de sua leitura e aplicação. O processo comentado não é tão simples, como pode parecer à primeira vista, pois o ser humano só é capaz de realizar esse confronto de forma produtiva, se souber ler e compreender. Ou seja, se além de repetir, for capaz de atribuir significação ao que aparece registrado por escrito.

São inúmeras as mudanças internas desencadeadas por meio da leitura. Conseqüentemente, tais mudanças nos levam a modificar o ambiente ao nosso redor. O que nem sempre acontece, porque não é tão significativo, como se esperaria o número de sujeitos que passam por essas mudanças. Pelo contrário, é elevado o número de leitores funcionais, sujeitos que apenas sabem decifrar o que leem sem propriamente entender. São os leitores passivos e inativos.

Tendo em vista esse cenário desafiador, estabelecemos como objetivo deste estudo investigar a natureza das dificuldades de compreensão leitora apresentadas por um leitor específico. Para isso, conjugamos duas metodologias de pesquisa. A primeira, a bibliográfica, consistiu na leitura, fichamento e estudo de materiais já em circulação, no caso, livros e artigos de diferentes autores que escreveram ou escrevem sobre o tema leitura; após, fizemos a sistematização e a organização dos conceitos em forma de texto científico. Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo, na qual utilizamos um questionário a respeito do conhecimento prévio do aluno sobre um tema delimitado. Por fim, foi aplicado um teste de leitura que demandava respostas dissertativas, solicitando-se, ainda, a síntese do texto lido para avaliar a compreensão leitora do participante, analisando-se ademais os procedimentos de leitura e a natureza das dificuldades por ele apresentadas.

Tendo como suporte essas considerações iniciais, justificamos a relevância de nosso trabalho, que visa a analisar as dificuldades de compreensão leitora, considerando os aspectos cognitivos, quer de natureza individual quer social, e a forma como estão sendo desenvolvidos na escola em que o nosso sujeito estuda.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

A primeira parte do trabalho que se segue apresenta o referencial teórico da monografia que tem o objetivo de fundamentar a pesquisa de campo que será apresentada na segunda parte.

### **• 1.1 O que é ler?**

Uma resposta para a pergunta "O que é ler?" envolve uma investigação cuidadosa e lenta, que exige uma série de reflexões, visto que o processo de leitura é um pouco mais complexo do que nos parece, devido aos inúmeros fatores que interferem diretamente na nossa capacidade de compreensão, sejam eles físicos ou psicológicos. Mesmo assim, há pessoas que consideram a leitura como a simples percepção da forma das palavras e seus significados.

O que se deve ter em mente, no entanto, é que as experiências proporcionadas pela leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser humano diante da sociedade, são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão de conhecimento.

Assim sendo, o processo da leitura não pode ser visto apenas como a transcrição fonética da fala. Conforme Kleimann (1997:10) "leitura é um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados".

Da mesma forma, Kato (1987) considera a leitura como um ato de reconstrução dos sentidos alinhavados pelo autor, ou seja, segundo a autora, há necessariamente uma interação entre leitor-autor. Ao ler, acompanhamos o pensamento do autor, ou seja, entendemos o texto, imaginando-nos como um de seus produtores. O texto reúne em si um conjunto de pistas, o que significa dizer que o mesmo texto lido por vários leitores poderá ter várias significações, já que cada leitor tem objetivos pessoais, próprios, para ler, isto é, cada qual formula perguntas que acha importantes sobre o assunto, buscando encontrar respostas para elas. Cada leitor tem suas barreiras, suas superações. E a cada texto há uma informação nova a ser processada. Agora, será que podemos saber como ocorre o

processamento das informações enquanto lemos? É o que tentaremos esclarecer na próxima seção.

### • 1.2 Aspectos cognitivos envolvidos no processo da leitura

Ler consiste, basicamente, no processamento de informações de um texto escrito com a finalidade de compreendê-las e interpretá-las. Mas será este um processo, assim, simples?

O processo não é simples, até porque o leitor não pode se fixar somente nas palavras, no aspecto visual, impresso na página que tem diante dos olhos, a compreensão dependerá do conhecimento prévio do leitor, adquirido ao longo da vida.

Kleiman (1997:16), por exemplo, classifica o conhecimento prévio em três dimensões: **conhecimento linguístico**, que possibilita ao leitor compreender diferentes textos, conforme sua estruturação linguística, ou seja, o leitor deverá ser capaz de agrupar elementos que possam estar alternados no texto; **conhecimento textual**, isto é, a capacidade de o leitor interagir com diferentes tipologias textuais. O domínio maior desse conhecimento facilitará a construção de significados para os textos lidos; e **conhecimento de mundo**, ou seja, o repertório de informações adquiridas ao longo da vida.

O que se espera é que, ao final da leitura, o leitor, valendo-se das três dimensões de conhecimento envolvidas, consiga formular boas hipóteses sobre os sentidos do texto lido. Colomer e Camps (2002) afirmam que, além das três dimensões de conhecimento referidas, o leitor também deve estar decidido a ler, tendo uma intenção para realizar a leitura, ou seja, um objetivo de leitura.

Do exposto até o momento, depreende-se que o processo da leitura envolve sempre apropriação, invenção e produção de sentidos (CHARTIER, 1999, p. 77). Assim, o resultado alcançado dependerá do desempenho de cada leitor ao ler, analisar e criar um sentido para o que está posto ou implicitado no texto. Mas será que as práticas escolares traduzem alguma preocupação com o tema compreensão leitora?

### • 1.3 A escola e o ensino da leitura

Sabemos que o acesso à leitura e à escrita constitui um importante meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual pode ser definido como uma capacidade de compreender por que as coisas são como são.

De acordo com Foucault (1994), o acesso ao "poder" só é possível a partir da reflexão. Segundo esse autor, tal feito só é viável através do acesso ao processo de produção do saber e não, apenas, por meio da transmissão dos saberes.

Como, então, permitir o acesso ao poder e ao processo de produção dos saberes? Será que apenas o acesso à escola os garante? O ensino da leitura crítica, atividade de suma importância no processo de reelaboração dos saberes, está ocorrendo, de fato?

O que infelizmente constatamos é que o acesso à leitura e à escrita, de modo usual, se dá por meio do ensino do código, ou melhor, de sua decifração. Poucas vezes, nos deparamos com práticas pedagógicas que permitam aos alunos construir seus próprios significados para o texto, elaborando seus próprios questionamentos e confirmando, ou não, suas respostas.

Nesse sentido, Foucambert (1994) juntamente com Smith (1999) e Solé (1998) defendem um ensino de leitura no qual se aprenda a ler lendo, em um processo em que o aluno deve estar em contato com os mais diversos gêneros e tipologias textuais. Para esses autores, saber ler não se confunde com saber decodificar, já que a mera decodificação do código escrito não garante o desenvolvimento da capacidade de ver além do que é visível aos olhos.

Para Smith (1999), o significado precede a leitura da palavra, enquanto unidade específica. Já a compreensão, que seria o núcleo da leitura, está além das palavras ou da informação visual. E é exatamente isso que nossos alunos precisariam aprender, aprender a ler além das palavras. Pois a cada nova leitura, ainda que seja do mesmo texto, o leitor já não é mais o mesmo do instante anterior. Foi modificado pelo que leu, adquiriu novos conhecimentos que, logo, vão interferir na próxima leitura.

#### • 1.4 O papel do professor na (de) formação de leitores críticos

Atualmente, as pessoas vêm demonstrando progressivo desinteresse pela leitura. Também pudera, com tantos conceitos "reduzidores" (SILVA, 1993) cultivados pela maioria das escolas, não há como evitar. Desse modo, não fica difícil adivinhar o porquê das perguntas desnorteadas dos professores: "Por que meu aluno não lê?" "Por que meu aluno não entende o que lê?".

É simples, a maioria dos professores encara o ato de ler como a simples decodificação de grafemas, ou, ainda, como uma tradução do texto escrito, em fala. Não há, aparentemente, interesse em que os alunos entendam, de fato, o que o texto sugere, o que pressupõe e o que traz explícito. O professor, em geral, exige apenas que os alunos reproduzam o que leem e não se preocupa com o que eles pensam, mesmo que afirme o contrário. O paradoxo existente entre o que diz e o que faz é algo que tem de ser encarado pelo professor, em algum momento de sua trajetória profissional.

Segundo Silva (1993), a prática da leitura a partir de interpretações preestabelecidas, sem análise e reflexão do grupo envolvido na atividade, sem mobilização do conhecimento prévio, sem, portanto, qualquer chance de formular inferências, permite apenas que o leitor decodifique um enunciado que já está elaborado, pronto e embalado para uso, não havendo a possibilidade de construção de significado para o texto lido.

Nesse sentido, Soares (1979) traz sugestões que podem ser aplicadas pelos professores durante o estudo de textos em sala de aula. Segundo a autora, o professor deve proporcionar aos alunos leituras de acordo com as habilidades que quer que os estudantes desenvolvam. E acrescenta:

Para que sejam atingidos os objetivos pretendidos, é necessário que os alunos tenham interesse pelo texto, que os alunos participem ativamente do estudo do texto, que sejam eles a estudar o texto, sob a orientação do professor, e não este a estudar o texto diante de alunos espectadores.

A autora citada reitera que o que ocorre, na maioria das vezes, é a manifestação de pouco (ou nenhum) interesse dos alunos em pensar sobre o texto, bem como a pouca preocupação do professor em fazê-los refletir e envolvê-los no assunto, com a finalidade de gerar uma interpretação crítica e produtora de sentidos.

Como vimos, é grande a importância da formação profissional e do envolvimento do professor para melhorar as propostas de atividades de leitura no contexto escolar, já que é exclusivamente através do convívio com os alunos, que o professor pode desenvolver e dispor de "ferramentas metodológicas" que, se bem utilizadas, possibilitam "abrir a janela" dos conhecimentos. Interessa, então, saber formulá-las e mobilizá-las da maneira adequada.

## **2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

O projeto "Dificuldades de compreensão leitora: um estudo de caso" foi realizado a partir da constatação do baixo nível de compreensão leitora que os alunos vêm apresentando tanto em sala de aula, como fora dela.

A pesquisa de campo foi desenvolvida com a participação de um aluno da oitava série do Ensino Fundamental, com a finalidade de detectar o nível de conhecimento prévio que o aluno possuía sobre o assunto tratado no texto e avaliar a compreensão leitora do sujeito pesquisado.

O objetivo do presente trabalho foi o de analisar os fatores que intervêm no processo de compreensão leitora, considerando os aspectos cognitivos envolvidos através do aprofundamento dos conhecimentos e do nível detectado de compreensão leitora do sujeito. A fim de alcançar o objetivo do trabalho, foram levantadas algumas hipóteses a serem investigadas:

A primeira hipótese considera que a compreensão leitora varia dependendo de vários fatores, dentre eles o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e, por fim, o conhecimento de mundo. Isto é, se o texto apresenta um vocabulário desconhecido, ou faz uso de uma temática considerada hermética sobre a qual o leitor não possa fazer inferências, sua compreensão será afetada. Quanto menos inferências o leitor for capaz de realizar, menos conhecimento prévio ele denotará possuir. Como consequência, menor será seu nível de compreensão.

A segunda hipótese propõe que a acuidade de compreensão leitora pode ser influenciada pelo desenvolvimento cognitivo atingido, pela capacidade de memorizar e pelas experiências anteriores. Além disso, o ambiente no qual o leitor está inserido também poderá facilitar ou dificultar a leitura, conforme valorize ou não essa atividade, abrindo-lhe os espaços necessários ou interditando-os.

A terceira hipótese leva em consideração o fato de que durante a leitura há interação entre leitor-texto-autor, em decorrência da reconstrução dos sentidos que foram delineados textualmente pelo autor. Ao ler, tentamos entender o texto, reunindo as pistas que ele traz, sejam elas implícitas ou explícitas.

A quarta e última hipótese é a de que os educadores precisam orientar o aluno quanto às dimensões de uma leitura crítica e quanto à elaboração de uma interpretação clara e coerente. Afinal, a leitura crítica é essencial nas nossas vidas.

Para testar essas hipóteses, nossa pesquisa de campo foi dividida em duas etapas. Primeiramente, foram coletados dados pessoais do sujeito pesquisado: idade, sexo, nível sócio-econômico e experiência de leitura - ver anexos 1, 2 e 3. Na segunda etapa, a partir da crônica jornalística impressa "Gente fina", de Martha Medeiros, foi

aplicado um questionário com questões dissertativas e solicitação de síntese do texto lido que trataram de avaliar a compreensão textual - ver anexos 4 e 5.

## **2.1 Sujeitos**

Os sujeitos deste estudo serão um aluno, seus pais e sua professora de Língua Portuguesa. O aluno frequenta, atualmente, a oitava série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandrino de Alencar, no município de Passo do Sobrado/RS.

## **2.2 Procedimento de testagem**

Inicialmente, os sujeitos pesquisados responderam a um questionário, que visava a fornecer dados pessoais: idade, sexo, nível sócio-econômico e experiência de leitura.

O segundo passo foi a avaliação do conhecimento prévio do aluno sobre o assunto de que tratava o texto "Gente fina", de Martha Medeiros. A investigação sobre o conhecimento prévio do sujeito foi realizada por meio de uma questão dissertativa sobre o tema.

Posteriormente, o menino recebeu o texto (crônica jornalística impressa) selecionado para leitura. Anexado ao texto, foram entregues as questões dissertativas sobre a compreensão do texto e um espaço para a sua síntese. A tarefa seguiu o seguinte roteiro:

- **1** Leitura silenciosa. O objetivo da leitura realizada é verificar a compreensão do texto.
- **2** Posterior à leitura do texto, a proposta é de questões dissertativas.
- **3** Por último, sintetizar o texto, resumindo-o a um parágrafo, não excedente a dez linhas.

## **2.3 Análise dos resultados**

A análise dos resultados teve a finalidade de verificar, através das respostas obtidas nos questionários entregues ao aluno investigado, à professora e à mãe se houvera ou não compreensão da leitura que lhe fora proposta.

O trabalho de análise iniciou pelo cotejo entre as ideias expostas no referencial teórico e as respostas dadas às perguntas dos questionários, visando a constatar se as hipóteses levantadas pelo estudo se confirmavam.

Primeiramente, é importante lembrar que o estudante tem catorze anos. Não exerce trabalho remunerado e estuda no período da tarde. Sabemos também que mora na zona urbana do município.

O jovem entrevistado afirmou que o que mais lê são jornais, depois textos da internet e, por último, livros de literatura (ficção). Citou a obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, a qual leu, gostou e depois ainda assistiu a uma peça teatral para tentar descobrir se Capitu havia ou não traído Bentinho, já que isso ele não havia descoberto durante a leitura.

A questão de número dez do questionário pessoal se referia ao conhecimento prévio do aluno pesquisado, quanto ao tema do texto. Nessa questão solicitamos que o aluno dissesse qual o tema do texto "Gente Fina". O texto de Martha Medeiros se intitulava, como já foi dito, "Gente Fina". Mas, ao contrário do que possa parecer, não tratava de pessoas gordas ou magras, ou, como a própria autora diz no texto, "isso nada tem a ver com a tendência atual de ser seca, de parecer um esqueleto ambulante" (l. 22/23). Conforme Medeiros, para a pessoa ser Gente fina, precisaria ter bom caráter. Verificamos que o aluno possuía conhecimento prévio suficiente para se orientar quanto ao tema, tal como tratado no texto da autora pela seguinte resposta do aluno: "Em minha opinião o tema do texto é de caráter pessoal, pois compara o caráter de uma pessoa gente fina com outra que não é tão gente fina assim".

Posterior à leitura silenciosa, o aluno teve de responder a onze questões dissertativas, todas referentes ao texto "Gente Fina", de Martha Medeiros. Vale salientar que a questão de número onze era a síntese do texto. O aluno respondeu satisfatoriamente à maioria das questões.

Em relação à síntese do texto, o resultado foi insatisfatório. Assim como o afirmara a professora, ele não mostrou saber sintetizar as ideias do texto. Seu resumo foi formado de frases diversas, colagens do texto. Em conjunto, essas frases até formavam a ideia central do texto, mas não mostravam manejo linguístico suficiente para constituir um texto próprio.

Se confrontarmos a síntese com o texto original, encontraremos muitas colagens, como se pode comprovar no quadro abaixo:

<b>NA SÍNTESE ELABORADA PELO ALUNO</b>	<b>NO TEXTO DE MEDEIROS</b>
"que tem bom astral"	"tem um astral leve"
"tem opinião própria"	"tem opinião"
"não impõe nada, não engrossa"	"como o próprio nome diz, não engrossa"

Mesmo não sabendo sintetizar o texto, não podemos esquecer que o aluno entendeu o que lera, fato comprovado pelas respostas dissertativas. Ele demonstrou, então, compreensão leitora, mas dificuldade de produção escrita, pois não soube sintetizar o texto com suas palavras, apenas copiando partes do texto original.

Após analisar as respostas obtidas através dos questionários, faremos a discussão das hipóteses levantadas no início do projeto.

A primeira hipótese considera que a compreensão leitora varia dependendo de vários fatores, dentre eles o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e, por fim, o conhecimento de mundo. Isto é, se o texto apresenta um vocabulário desconhecido, ou faz uso de uma temática considerada hermética sobre a qual o leitor não possa fazer inferências, sua compreensão será afetada. Quanto menos inferências o leitor for capaz de realizar, menos conhecimento prévio ele denotará possuir. Como consequência, menor será seu nível de compreensão.

Os fatores de leitorabilidade não foram vislumbrados na pesquisa, porque se tratava de um texto de fácil entendimento, sem palavras de nível interpretativo complexo. Quanto às experiências de leitura, podemos afirmar que sejam razoáveis, já que o sujeito estudado lê, diariamente, ao menos, jornal. Com relação

ao conhecimento prévio, o aluno mostrou ter um nível adequado para a idade, pois criou uma hipótese apropriada quanto ao tema questionado anteriormente à leitura do texto.

A segunda hipótese propõe que a acuidade de compreensão do leitor pode ser influenciada pelo desenvolvimento cognitivo atingido, pela capacidade de memória e pelas experiências de leitura anteriores. Além disso, o ambiente no qual o leitor está inserido também poderá facilitar ou dificultar a leitura, se valorizar essa atividade, abrindo-lhe espaços no dia-a-dia.

Quanto aos fatores de desenvolvimento cognitivo, não puderam ser avaliados, contudo, deduz-se que o aluno é detentor de aptidões compreensivas adequadas para a sua idade e escolaridade, visto que conseguiu estabelecer determinadas relações linguagem-mundo e tirar certas conclusões impensáveis se não as detivesse. Quanto ao ambiente em que está inserido, percebemos que este não poderia ser melhor, visto que o garoto recebe toda a atenção necessária para seu desenvolvimento físico e psíquico.

A terceira hipótese leva em consideração o fato de durante a leitura haver interação entre leitor-texto-autor, em decorrência da reconstrução dos sentidos que foram delineados textualmente pelo autor. Ao ler, tentamos entender o texto, reunindo as pistas que ele traz, sejam elas implícitas ou explícitas.

A falha percebida quanto à delimitação dos objetivos foi a da ausência de direcionamento da prática pedagógica aplicada pela professora após ela perceber que o aluno não era capaz de sintetizar as idéias de um texto. Ela afirmou e afirma que o sujeito pesquisado não sabe se valer das técnicas do resumo, mas percebemos que não direcionou e nem direciona o trabalho pedagógico, a fim de sanar essa deficiência, simplesmente constatando a dificuldade do aluno.

Quanto à postura da educadora para com a criticidade leitora que um texto exige, percebemos que realizou um trabalho eficaz, pois o aluno foi capaz de refletir a partir das ideias do texto, buscando fazer inferências, criando hipóteses interpretativas.

### **3 CONCLUSÃO**

Este trabalho teve o objetivo de realizar uma pesquisa de campo fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, a fim de analisar a compreensão leitora em um estudo de caso, envolvendo um único participante. Nossa pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede pública no município de Passo do Sobrado - RS.

Os sujeitos deste estudo foram um aluno, sua família e a professora de Língua Portuguesa. O aluno frequentava a oitava série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Médio Alexandrino de Alencar, no município de Passo do Sobrado/RS.

O resultado da pesquisa foi animador, já que o aluno pesquisado demonstrou possuir conhecimento prévio suficiente para se orientar quanto ao tema, tal como tratado no texto selecionado para o estudo.

Através da pesquisa, foi possível concluir que se faz necessário propor aos alunos atividades de leitura em que eles possam descobrir que o sentido do texto - a ser construído - depende tanto dos objetivos e das perguntas dele mesmo - aluno - como da natureza do texto e de sua macro e superestrutura. Além disso, é importante e necessário que o aluno aprenda a utilizar as estratégias de leitura

usadas pelo leitor maduro, com a finalidade de se tornar também um leitor crítico e autônomo.

A atividade em que o aluno teria de relatar, de modo resumido, as ideias constantes no texto evidenciou dificuldade de manejo da escrita. Oralmente, o sujeito expressou compreensão. Além disso, comprovou-se a tendência de o professor constatar o problema existente, porém não se observou busca de solução para a dificuldade detectada. A pergunta que se impõe refere-se ao modo como vem sendo avaliada a compreensão e à própria relação entre leitura e escrita. O resumo escrito, na nossa ótica, deve ser antecedido por práticas orais de condensação das ideias que permitam que o aluno vá aos poucos organizando o seu dizer, aproximando-o formalmente da linguagem exigida na escrita de textos escolares, sob pena de não se sair bem na atividade.

Concluimos que o direcionamento da prática pedagógica se faz indispensável nas salas de aula em função do apoio devido aos alunos, pois o professor necessita avaliar as potencialidades de seus educandos para poder construir uma prática pedagógica coerente. Uma prática que almeje o aprimoramento de capacidades sócio-cognitivas não totalmente desenvolvidas até então.

O aluno precisa tornar-se um leitor que cria hipóteses, buscando-as no texto, para, assim, poder confirmá-las ou rejeitá-las, não por ser um dever coercitivo imposto pelo professor. Ele precisa compreender como a leitura é importante através da própria leitura, deleitando-se com ela. Aprendendo por meio dela. As outras habilidades como questionar, avaliar, lutar e melhorar a realidade em que está inserido dependem desse movimento inicial de aproximação e familiaridade com a atividade de leitura.

#### **4 REFERÊNCIAS**

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Ana. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1994.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos da pedagogia da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Trad. Beatriz Affonso. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda Becker et al. *Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1º grau: sugestões metodológicas 5ª a 8ª series*. Rio de Janeiro: MEC/DEF/UFMG, 1979.

## ANEXO 1

### Roteiro de entrevista com o participante:

1. Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

2. Escola em que estuda: \_\_\_\_\_

3. Série: \_\_\_\_\_

4. Você tem facilidade em compreender o que lê?

---

---

---

5. Você gosta de ler? Por quê?

---

---

---

6. Alguém lia histórias para você? Quem? Quando?

---

---

---

7. O que você mais lê: revistas, jornais, textos que os professores trazem para aula, internet, livros, gibis?

---

---

---

8. Como são as atividades de leitura propostas pela professora?

---

---

---

---

9. Relate uma experiência de leitura que foi gratificante para você?

---

---

---

---

---

10. Recentemente Martha Medeiros publicou um texto no jornal Zero Hora intitulado “Gente Fina”. Suponha um tema para este texto? Justifique sua resposta:

---

---

---

---

## ANEXO 2

### Roteiro de entrevista com a mãe do participante (o pai já é falecido):

1. Nome da mãe: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_
2. Escolaridade: \_\_\_\_\_
3. Profissão: \_\_\_\_\_
4. Você auxilia seu filho em relação à aprendizagem escolar dele? Se o faz, como e por quê costuma fazê-lo?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
5. Incentiva-o para que tenha interesse e motivação com os estudos? Se positivo, como?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
6. Você gosta de ler? Lê com que frequência?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
7. Outros familiares que convivem com seu filho costumam envolvê-lo com o mundo da leitura? Com que frequência?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
8. Ele lê textos em casa? Se isso acontece, com que frequência acontece? Nesses momentos, ele solicita ajuda para sua compreensão leitora? Se positivo, de que tipo?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

---

---

---

9. Você lia histórias infantis para seu filho, quando ele era mais novo?

---

---

---

---

## ANEXO 3

### Roteiro de entrevista com a professora:

1. Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_
2. Formação: \_\_\_\_\_
3. Séries em que leciona: \_\_\_\_\_
4. Tempo de atuação: \_\_\_\_\_
5. Que tipo de atividades de leitura e interpretação são propostas em suas aulas?

---

---

---

---

6. Como o aluno reage a essas proposições?

---

---

---

---

7. Que tipos de questionamentos ele faz quanto a suas propostas de leitura?  
Ele solicita ajuda para a compreensão leitora?

---

---

---

---

8. Estabelecendo um comparativo com os demais alunos do grupo, em que sentido pode-se dizer que o participante deste estudo destaca-se quanto à compreensão leitora?

---

---

---

---

## ANEXO 4

Texto utilizado na pesquisa:

### Gente Fina

Martha Medeiros



Gente fina é politicamente correta? Se for, não sou gente fina, porque fico muito impaciente com certas cortesias exageradas. Por exemplo, outro dia estava no aeroporto e uma voz no alto-falante convidou a embarcar os passageiros da melhor idade. Se eu tivesse cem anos, entenderia que todos deveriam passar na minha frente. Que melhor idade? Claro que alguém pode estar mais satisfeito aos 80 anos do que quando tinha 40, mas isso é levar em conta o específico. Na hora de generalizar, sejamos menos franciscanos. Milhares de pessoas idosas têm a cabeça ótima e estão realizadas, mas se tiverem bom humor, vão dispensar o consolo: pô, melhor idade é provocação.

O mesmo sobre magros e gordos. Cada um faz o que bem entender com o próprio corpo. Comer com liberdade é um direito e ninguém tem que se

sacrificar para atender a um padrão estético, mas que ser magro é melhor do que ser gordo, é. Para a saúde é melhor, para se vestir é melhor, para se locomover é melhor, para dançar é melhor. Não quer dizer que um gordo não seja feliz. Geralmente, são felizes à beça, mais do que muito varapau. Mas se fosse possível escolher entre ser magro e ser gordo sem nenhum efeito colateral de felicidade ou infelicidade, sem nenhum esforço, só no abracadabra, todo mundo iria querer ser magro, assim como todo mundo preferiria se cristalizar entre os 30 e os 50 anos. Eu acho. A não ser que eu esteja louca, o que é uma hipótese a considerar.

Porém, melhor que tudo é ser gente fina. Finíssima. Isso nada tem a ver com a tendência atual de ser seca, de parecer um esqueleto ambulante. Gente fina é outra coisa.

Gente fina é aquela pessoa tão especial que a gente nem percebe se é gorda, magra, velha, moça, loira, morena, alta ou baixa. Ela é gente fina, ou seja, está acima de qualquer classificação. Todos a querem por perto. Tem um astral leve, mas sabe aprofundar as questões quando é necessário. É simpática, mas não bobalhona. É uma pessoa direta, mas não escravizada pelos certos e errados: sabe transgredir sem agredir. Gente fina é aquela que é generosa, mas não banana. Te ajuda, mas permite que você cresça sozinho. Gente fina diz mais sim do que não, e faz isso naturalmente, não é para agradar. Gente fina se sente confortável em qualquer ambiente: num boteco de beira de estrada e num castelo no interior da Escócia. Gente fina não julga ninguém – tem opinião, apenas. Um novo começo de era, com gente fina, elegante e sincera. O que mais se pode querer? Gente fina não esmola, não humilha, não trapaceia, não compete e, como o próprio nome diz, não engrossa. Não veio ao mundo para colocar areia no projeto dos outros. Ela não pesa, mesmo sendo gordo, e não é leviana, mesmo sendo magra. Gente fina é que tinha que virar tendência. Porque, colocando na balança, é quem faz a diferença.

(Zero Hora, 19 de outubro de 2008)

## ANEXO 5

### Questões sobre o texto *Gente Fina*, de Martha Medeiros:

1. Ao ler o título do texto e ao ver a gravura, você acreditava que o texto falaria sobre o assunto nele tratado?

---

---

---

---

2. De que forma a autora começou a escrever sobre o assunto? A estratégia lhe despertou a atenção? Por quê?

---

---

---

---

3. Qual (is) a(s) justificativa(s) usada(s) pela autora para explicar os exageros politicamente corretos?

---

---

---

---

4. No terceiro parágrafo, a autora começa com a seguinte expressão: “Porém, melhor que tudo isso é ser gente fina”. Que argumentos a autora retoma ao escrever essa frase?

---

---

---

---

5. Ainda no terceiro parágrafo, a autora usa duas expressões coloquiais “ser seca” e “esqueleto ambulante”. Com que intenção Martha Medeiros usou essas expressões? Elas possuem somente um sentido? Quais seriam outras possíveis leituras?

---

---

---

---

---

6. Como a autora define uma pessoa fina?

---

---

---

---

---

7. Por que a autora finaliza o texto com a frase “colocando na balança, é quem faz a diferença”?

---

---

---

---

---

8. Atualmente, o mundo gira em torno dos valores monetários, financeiros, sendo assim é fácil, então, ser *gente fina* nos termos da autora? Você se considera *gente fina*? Justifique.

---

---

---

---

---

9. No final do segundo parágrafo, a autora usa ironia para concluir uma ideia. Que frase irônica ela usou? Que ideia ela concluiu?

---

---

---

---

10. Descreva uma pessoa que você considere “gente fina”. Ao fazê-lo, não esqueça das características básicas de um texto descritivo.

---

---

---

---

---

---

---

---

11. Sintetize o texto em um parágrafo, não excedendo 10 linhas.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---